

### Memórias da repressão após o golpe civil-militar de 1964 na Bahia

Edson Silva  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: edisomsilva@gmail.com

José Alves Dias  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: jose.dias@uesb.edu.br

1213

**Palavras-chave:** Golpe civil-militar de 1964. Ditadura. Silenciamento. Memória. Bahia

### INTRODUÇÃO

Este resumo é parte da pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida, no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). O objetivo é apresentar análises e apontamentos acerca do golpe de Estado ocorrido em 1964 e da ditadura civil-militar na Bahia, a partir de memórias evocadas e visibilizadas nas publicações de livros. De forma específica, procura-se averiguar as memórias sobre o golpe de 1964, identificar o perfil de perseguidos políticos e dos atingidos pelo golpe de 1964 na Bahia, bem como, as operações policiais e militares desencadeadas, a violência contra os opositores e as condições carcerárias dos presos.

A pesquisa aponta que houve um processo de silenciamento e de interdição das memórias dos militantes de oposição à ditadura. Silêncio e impedimento impostos pelo controle dos órgãos de repressão e informação, pela censura oficial, pelo trauma da tortura, pela eliminação e ocultação de arquivos relativos ao período. Tais atos podem ter implicado na invisibilidade e no desconhecimento dos fatos e das ações dos órgãos de repressão do Estado contra as organizações políticas, os movimentos sociais e os sujeitos que fizeram oposição, de diferentes maneiras, ao regime autoritário. Por outro lado, a pesquisa, ao trabalhar com as memórias da repressão política do golpe de 1964 e a ditadura instalada, se contrapõe ao crescente negacionismo e revisionismo na sociedade brasileira referente a

Realização:



Apoio:



experiência da ditadura civil-militar.

## METODOLOGIA

De acordo com o reconhecido livro *1964: A conquista do Estado* (1981), do cientista político René Armand Dreifuss, o golpe de Estado de 1964 teve, na sua constituição, elementos civis e militares, tendo em vista a participação de empresários estrangeiros e nacionais, além das Forças Armadas. No entendimento do autor, o golpe expressava uma intenção política cujo propósito era de classe, em específico, manifestava interesse dos grupos econômicos dominantes à época na sociedade brasileira.

Para Maria Helena Moreira Alves, na sua obra *Estado e oposição no Brasil – 1964-1984* (2005), o golpe e a derrubada ilegítima do governo João Goulart, em 1964, foi um movimento organizado envolvendo setores civis e militares, com a participação de empresas multinacionais, de setores dominantes da sociedade brasileira associadas ao capital estrangeiro e do governo dos Estados Unidos da América. As Forças Armadas, por seu turno, em conjunto com os setores civis, atuaram com os oficiais militares da Escola Superior de Guerra (ESG) seguindo os preceitos ideológicos da Doutrina de Segurança Nacional. Ambos setores, civis e militares, compuseram a trama golpista e, posteriormente, a implementação da ditadura, com seu respectivo aparato de Estado autoritário (Moreira Alves, 2005, p. 27-28) e que favorecia o desenvolvimento econômico capitalista.

De tal maneira, partimos da compreensão pioneira delineada por René Dreifuss (1981) e Maria Helena Moreira Alves (2005) e dos estudos historiográfico recentes, tais como o livro *Empresariado e ditadura no Brasil* (2020), organizados pelos autores: Pedro Henrique Pedreira Campos, Rafael Vaz da Motta Brandão e Renato Luís do Couto Neto e Lemos. Ambas as abordagens desenvolvem o argumento de que o golpe de 1964 e a consequente ditadura instalada no país sob o comando das Forças Armadas tinha, sobretudo, uma natureza de classe, contado com a participação direta de civis, notadamente aqueles ligados ao grande empresariado nacional e estrangeiro.

De outra parte, os estudos sobre memória no século XX tiveram como referência obra do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945). Na sua obra póstuma *A memória coletiva* (2003) Halbwachs apresentou a tese de que a memória, longe de ser um fenômeno somente individual, pelo contrário, constitui, sobretudo, um processo de reconstrução coletiva e social. Halbwachs rompia com a perspectiva individual de

compreensão dos fenômenos da memória, passando a localizá-los como um processo articulado entre o indivíduo e o social. A memória nunca é somente do sujeito que lembra, pois o recordar não ocorre isolado do grupo referência e pertencimento dos indivíduos, do tempo, do espaço e de suas relações sociais. Em outros termos, dos quadros sociais da memória.

O sociólogo e historiador Michael Pollak (1989), por sua vez, se propôs pensar as disputas e os conflitos em torno da memória. Os seus estudos abordaram a memória dos grupos sociais, políticos e culturais excluídos e marginalizados diante da memória oficial dominante; os silêncios, os não-ditos e o silenciamento imposto por injunções sociais e políticas. Neste sentido, ele assinalou para as “memórias subterrâneas”, identificando-as como fruto de traumas, proibidas, indizíveis, vergonhosas e invisibilizadas. Contudo, elas sobrevivem no silêncio, sendo mantidas nos espaços privados, nos laços de afetivos de relações familiares, círculos de amizade e rede de socialidade política. Não obstante, em conjunturas favoráveis irrompem no espaço público contrapondo a narrativa oficial e a memória dos dominantes.

Para compor a pesquisa empregamos como fonte as lembranças do golpe de 1964 e da repressão contra os opositores visibilizadas nas publicações dos livros, respectivamente, *Galeria F – Lembranças do mar cinzento* (2000) e *Galeria F – Lembranças do mar cinzento – segunda parte* (2004), de autoria do militante da organização Ação Popular (AP), ex-presos político e jornalista Emiliano José, e *Quem samba fica – memórias de um ex-guerrilheiro* (2011), do ex-militante em oposição à ditadura, preso político e advogado Rui Patterson. As obras apresentam características biografias e autobiografias e foram produzidas a partir de evocações de memórias sobre o golpe de 1964 na Bahia e a da dimensão repressiva da ditadura civil-militar contra seus opositores. De tal modo, procuramos nas referidas fontes informações relevantes acerca de pessoas e de grupos sociais, de organizações e de partidos que foram perseguidos politicamente e padeceram com a repressão desencadeada com o golpe de 1964 e a consequente ditadura implantada nos anos seguintes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Argumentamos como hipótese de trabalho que as lembranças presentes nas publicações dos livros *Galeria F – Lembranças do mar cinzento* (2000), *Galeria F –*

Realização:



Apoio:



*Lembranças do mar cinzento – segunda parte* (2004) de Emiliano José e *Quem samba fica – memórias de um ex-guerrilheiro* (2011) de Rui Patterson expressam uma evocação de memória em contraposição ao passado de silenciamento, de produção de esquecimento, de invisibilidade e desconhecimento dos feitos e acontecimentos da ditadura civil-militar. Tais obras reúnem um conjunto de informações que reconstróem uma memória da ditadura civil-militar na Bahia e constituem em fontes históricas acerca dos acontecimentos do período.

No livro *Galeria F – Lembranças do mar cinzento* (2000), Emiliano José evocou e fazia emergir na cena pública as memórias de Othon Jambeiro, preso pelo golpe civil-militar de 1964, à época, um militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Na obra o testemunho de Othon Jambeiro relembra a caçada que empreenderam contra ele e demais militantes políticos de esquerda conduzida pelos golpistas. Na segunda publicação, *Galeria F – Lembranças do mar cinzento – segunda parte* (2004), lançada no ano da efeméride dos 40 anos do golpe de 1964, a maior parte dos capítulos foram consagrados a rememorar a trajetória de vida de perseguidos e presos políticos na conjuntura do golpe, em particular na Bahia, tanto na capital como no interior. No livro de Rui Patterson, *Quem samba fica – memórias de um ex-guerrilheiro* (2011), publicação de natureza autobiográfica, o assunto do golpe de 1964 foi recordado por alguns episódios da repressão desencadeada em municípios do interior do estado, em Ilhéus e Buerarema. Sendo lembrando da ocorrência de prisões de trabalhadores e lideranças sindicais, de ações de fiscalização do comércio pelos militares a fim de controlar os preços, da ocupação por tropas de lugares e instituições consideradas como estratégicas na cidade de Ilhéus e de uma invasão militar a localidade de Buerarema.

A partir das memórias evocadas nas publicações conseguimos definir um perfil de perseguidos e presos políticos na Bahia, afetados diretamente pelo golpe de 1964. Os alvos dos golpistas foram parlamentares estaduais, federais e prefeitos ligados ao governo João Goulart ou partidários da legalidade, militantes políticos de partidos políticos de esquerda e, ainda, trabalhadores do ramo ferroviário, da Petrobrás, lideranças sindicais e militantes do movimento estudantil. Considerando o perfil de perseguidos políticos pelo golpe, verifica-se que se desencadeou com ele uma onda de repressão que de forma estratégica, procurava conter, com prisões, humilhações e torturas as pessoas e as organizações que poderiam impor algum tipo de resistência e contrapor aos interesses da classe, tais como os sindicatos, os trabalhadores organizados, as lideranças do movimento estudantil e políticos ligados ao governo João Goulart.

## CONCLUSÕES

As memórias evocadas nas publicações expressaram uma contraposição ao passado de silenciamento, esquecimento e invisibilidade dos acontecimentos da ditadura civil-militar. As lembranças presentes nos livros reconstróem uma memória do golpe de 1964 e ditadura civil-militar na Bahia e, a partir da sua análise, foi possível identificar o perfil de pessoas que foram alvo da repressão dos golpistas: partidos políticos de esquerda, políticos que apoiavam as reformas de base, o governo do presidente João Goulart, estudantes militantes do movimento estudantil, professores, sindicalistas, trabalhadores do ramo petrolífero e ferroviário.

1217

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira; BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta; LEMOS, Renato Luís do Couto Neto e. (Org.). **Empresariado e ditadura no Brasil**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Consequência, 2020.

DREIFUSS, René Armand. **1964: a conquista do estado**. Ação política, poder e golpe de classe. 3.ª ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

JOSÉ, Emiliano. **Galeria F: Lembranças do mar cinzento**. São Paulo: Casa Amarela, 2000.

JOSÉ, Emiliano. **Galeria F: Lembranças do mar cinzento: segunda parte**. São Paulo: Casa Amarela, 2004.

MOREIRA ALVES, Maria Helena. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. 5. edição. Bauru. Edusc, 2005.

PATTERSON, Rui. **Quem samba fica** – memórias de um ex-guerrilheiro. Salvador: EGBA, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, p.3-15, 1989.

Realização:



Apoio:

